

Entrevista | Ricardo Ayache

Presidente da Caixa de Assistência dos Servidores de Mato Grosso do Sul

Presidente da Cassems lista investimentos e propõe revisão do sistema de saúde suplementar do país

Foi em 2010 que Ricardo Ayache assumiu o comando da Cassems (Caixa de Assistência dos Servidores de Mato Grosso do Sul), criada pouco mais de dez anos antes, quando ele comandara o Previsul. O objetivo foi instituir um novo modelo de assistência à saúde para os servidores estaduais e suas famílias. Hoje, consolidada entre as principais potências no setor de saúde complementar do país, a Cassems vive um momento de expansão conduzido por Ayache, com o oferecimento de serviços além da assistência e pronto-socorro.

O presidente instituiu na Cassems projetos que vão além do “Casal Grávido”, que visa a permitir aos pais, juntos, superarem os desafios com a chegada dos filhos, ou do “Ônibus da Saúde”, que leva prevenção ao interior. A Caixa de Assistência abriu clínicas e hospitais, construiu o primeiro Centro de Prevenção e Promoção à Saúde na Capital, e negocia com o prefeito Paulo Duarte (PT) a construção de uma unidade em Corumbá –já contando com a disposição de receber área. O hospital próprio na

Capital segue em ritmo acelerado.

Ayache reforça que os resultados são fruto da profissionalização da gestão e da participação dos servidores na administração. Ele afirma que a rede própria de atendimento é o meio de melhor oferecer os serviços, mas faz uma ressalva: é necessário que o país repense o sistema de saúde suplementar. “Precisamos passar a oferecer um sistema de saúde de qualidade, com custo viável à população e também para os governos”, afirmou. (Com Humberto Marques)

Por Juliana Vilas Boas

Cleber Gellio



‘Temos de partir para outro modelo’

O Estado – Como avalia o quadro do sistema de saúde suplementar no país? Os critérios que a ANS (Agência Nacional de Saúde) aplica são justos para operadores e usuários?

Ricardo Ayache – Acredito que a Agência Nacional de Saúde contribui e muito para melhorar a qualidade dos serviços prestados pelos planos de saúde aos usuários. É importante definir isso porque, antes da ANS, era um mercado muito injusto com o usuário. Hoje, temos uma evolução na qualidade de atendimento, mas as exigências que ela impõe têm aumentado muito as despesas dos planos de saúde, inclusive as administrativas. Portanto, é preciso ter cuidado e entender os planos de saúde como parceiros do sistema brasileiro de saúde. Não se pode ver os planos como vilões. Todos, os planos de saúde, o sistema público, os usuários e os profissionais de saúde fazem parte de um modelo de saúde que precisa ser reestudado e reinventado, para que haja equilíbrio e passemos da fase que estamos hoje, onde há insatisfação de todos os usuários, dos gestores públicos e privados e da própria agência, para um modelo mais racional, no qual os recursos sejam usados de forma sustentável. E que possa atender com satisfação. Com certeza, a ANS pode ser o grande catalisador da transformação do sistema de saúde do nosso país.

O Estado – Que mudanças acha necessárias para manter os planos de saúde fortalecidos, sem que isso signifique prejuízo ao paciente associado?

Ayache – Particularmente vejo que temos de partir para outro modelo de saúde suplementar. Nosso modelo, hoje, é praticamente uma cópia do modelo americano, que surgiu em 1910, voltado ao atendimento em hospitais, para doenças, com medicinas superespecializadas, realizações de exames, o que gera um custo muito elevado e resultado muito parecido com um país que têm o setor mais racionalizado. Temos uma medicina mais voltada para os generalistas, onde os recursos são usados com maior equilíbrio, onde o paciente tem esse generalista e só depois é encaminhado ao médico especialista. Canadá, Inglaterra e Cuba já aplicam esse modelo. Precisamos passar a oferecer um sistema de



É preciso ter cuidado e entender os planos de saúde como parceiros do sistema brasileiro de saúde. Não se pode ver os planos como vilões

A rede própria complementa a rede conveniada, trazendo garantia de qualidade e também uma redução de custos em médio e longo prazos

saúde de qualidade, com custo viável à população e também para os governos. Hoje, as famílias comprometem de 7% a 8% de suas receitas com planos de saúde. Se caminhararmos nos modelos já existentes, chegaremos a 2050 com um comprometimento de 30% da receita familiar, o que em muito inviabilizaria o sistema. Vejo que há expectativas da ANS e do MEC (Ministério da Educação) em uma mudança na grade curricular das faculdades, o que permitirá a formação de mais generalistas, e que trará uma oxigenação no sistema de saúde brasileiro.

O Estado – A Cassems se destaca como um dos maiores planos de saúde do Estado, sendo destaque entre empresas nacionais pela rentabilidade e capacidade de investimento. A que credita esses resultados?

Ayache – São múltiplos fatores. Primeiro, ao longo destes anos procuramos fazer uma gestão profissionalizada, capacitando a equipe, buscando conhecimento, realizando capacitações de todos os profissionais envolvidos. E também uma coisa muito importante, que é uma gestão participativa. Os servidores públicos, as entidades sindicais, nós é quem gerenciamos o plano. Então todo o conselho público é composto por servidores públicos. Isto faz com que caminhemos lado a lado com o servidor, buscando opiniões para que possamos tomar decisões, o que foi fundamental ao longo dos anos na Cassems. Com isso, aproximamos a gestão de investimentos que levaram melhor resultado a quem utiliza o plano.

O Estado – Que investimentos considera fundamentais para otimizar o alcance dos serviços?

Ayache – Além das estruturas e todas as unidades novas de atendimento, investimos muito em informática. Melhoramos nossa capacidade gerencial, implantamos um novo sistema na área financeira e contábil, criamos uma central de compras que permitiu a redução de custos daquilo que adquirimos. Criamos também uma central de atendimento 24 horas, para dar melhor suporte todos os dias do ano aos usuários, via rede de atendimento. Canais de comunicação como o Portal da Transparência e nas redes sociais foram criados perfis e temos procurado incrementar e aproximar o contato com os usuários.

O Estado – A Cassems recentemente inaugurou um Centro Médico de Diagnósticos na Capital, com clínicas e espaço para serviços como fisioterapia. E também está em obras o hospital da instituição. O que essas estruturas representam para a Caixa?

Ayache – Representam aquilo que é a grande tendência dos planos de saúde: buscar os resultados dentro do próprio plano. Claro que continuaremos com os parceiros que sempre nos atenderam com muita seriedade. Queremos continuar juntos. Mas é necessário que o plano ofereça a todos estes serviços, além dos programas de prevenção para cuidar da saúde, antes de cuidar da doença. Estas estruturas nos dão autonomia e sustentabilidade de longo prazo.

O Estado – A estrutura também foi ampliada no interior?

Ayache – Sim, para que o atendimento seja regionalizado, aproximando-nos do usuário do interior, o que hoje é uma grande necessidade. Atualmente,

a saúde do Estado tem dois terços dos médicos em Campo Grande e Dourados, e um terço nos outros municípios do Estado, sinalizando um desequilíbrio muito grande de médicos quando comparado a Capital e o interior. Por isso são necessários estes investimentos.

O Estado – A substituição da rede conveniada por uma rede própria é economicamente viável? Isso não deixaria os serviços mais caros?

Ayache – Não, de forma alguma. Na verdade, a rede própria complementa a rede conveniada, trazendo garantia de qualidade e também uma redução de custos em médio e longo prazos.

O Estado – O sr. voltou à Cassems depois da experiência eleitoral de 2014, onde surpreendeu e foi o segundo colocado na disputa por vaga no Senado. Isso já é visto como credencial para futuras disputas eleitorais. Como trata essas especulações?

Ayache – Trato da forma que eu entendo a política. Particularmente, não vejo válida a política como projeto de poder, e sim como agente de transformação da vida das pessoas. Aqui na Cassems, tive a oportunidade de ser agente transformador da saúde das pessoas. A política não pode se meio de vida. Se puder colaborar com a política de Campo Grande e para o Estado de Mato Grosso do Sul, como já contribuí como médico, ótimo. Estou pronto para discutir todos os problemas que porventura, hoje, a população do Estado passa em todas as áreas. É importante que as pessoas interessadas estejam abertas para estas discussões com a população. Se vou disputar as próximas eleições, não é algo que depende só de mim. Depende de a população acreditar naquilo que eu penso. Para mim, a política não é um vale-tudo. Ela é um agente transformador oportunizado ao homem público.

Perfil

Nome: Ricardo Ayache

Naturalidade: Aquidauana, em 7 de março de 1971.

Formação. Medicina, pela UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul).

Atuação profissional: médico cardiologista há 20 anos. Foi presidente do Previsul, em 1999. Assumiu a presidência da Cassems em 2010.

Ocupação atual: Presidente da Cassems.